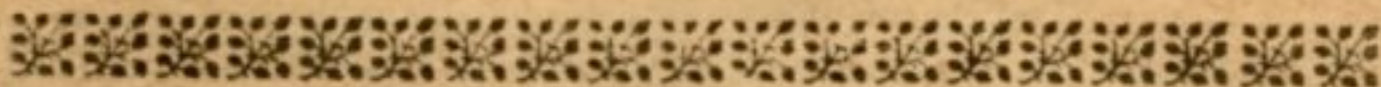


Autor: FRANCISCO SALES ARÉDA

A EMBOLADA DA VELHA CHICA



Embolada da Velha Chica

A velha Chica
Que morava no Fundão
Lá em cima no sertão
Na beirada da estrada

Passava o dia
No batente cochilando
Pegando pulga e matando
E comendo com coalhada

Essa velha
perecia uma serpente
Banguela só tinha um dente
E a venta arrebitada

Tinha um tumor
Na ponta da espinhela
Do tamanho d' uma gamela
E uma perna esconchavada

E no lugar
Que ela estava cochilando
Pelo beico era pingando
uma baba amarelada

No couro dela
Tinha tanta mucurana
e piólho de cigana
Que chega estava pelada

Era conhecida
Por sã chica rezadeira
Pasava a semana inteira
Sò rezando ajuelhada

Com uma trouxa
Cheia de cinza e mulambo
Rezava dor de estambo
Dor de dente e junta inchada

Rezava nervo
E também ventre caído
Quarto duro e dor de ouvido
Queimadura e pã quebrada

De enxaqueca
De sol na cabeça e lua
Doença de meio de rua
Gastura e barriga inchada

Erizipela
golpe bouba e sete couros
De picada de bisouros
E serpente envenenada

E além disso
Era forte macumbeira
Não houve catimbozeira
Pra dela tomar chegada

E os preparos
Que essa velha possuía
Para fazer bruxaria
Vou contar sem deixar nada

Tinha um combuco
Que ela arrumou na praia
Com 3 rabos de lacraia
E uma coruja pelada

Numa muchila
Tinha as penas de um canção
Três caroços de pinhão
E uma unha de veado

Noutro combuco
Tinha o couro dum quandù
E também um cururú
Com a bôca costurada

Uma cauã
e 7 cavalos do cão
Pendurado num cordão
Na cosinha fumaçada

Jurema preta
E terra de cemitério
Pra fazer todo mistério
Com raiz de encruzilhada

Meus leitores
Essa velha era um perigo
E tinha tanto inimigo
Que só uma escomungada

era bastante
ela ter raiva de um
Passava o dia em jejum
Preparando a panelada

Quando queria
Fazia gente correr
Moça casar sem querer
Se oportar mulher casada

Fazia gente
Se acabar de catimbô
Magro igualmente um cipó
Caido pela estrada

Na vizinhança
Tudo tinha medo dela
O povo dizia aquela
Pelo diabo foi mandada

A sua fama
Espalhou-se na neção
Todo povo do sertão
Tinha medo da donada

E quem passava
Pela sua moradia
No pingo de meio dia
Via a bruta ajoelhada

Ao redor dela
Tinha um gato derrengado
E um sopo pendurado
Junto a velha desgraçada

Meus senhores
Essa velha assim vivia
Preparando bruxaria
E fazendo presepada

No sertão
Do rio grande do norte
Essa velha era forte
Pra mexer a panelada

Mas certo dia
Essa velha adoeceu
Vou contar o que se deu
Com a bruxa envenenada

Secou um pé
Entronchou o cabeloura
E nasceu um 7 couro
Ficou a velha piada

Veio a febre
Atacou-a de repente
Mas a bicha renitente
Tomando por caçoadada

Na ligua dela
Um tumor se apresentou
Nunca mas ela falou
Lá num canto derrubada

E começou
A maldita se acabando
Fedendo muito e secando
Tôda troncha esculhambada

Chegou um bicho
Com as unhas de espeto
Uma gia um gato preto
E cercaram a condenada.

e uma cabra
Pretinha sem ter sinal
Junto a velha infernal
mordendo e dando chifrada

Mosquito e bezouro
Aranha caranguejeira
Toda raça mordedeira
Mordia a velha malvada

Com poucos dias
Dona chica do fundão
Pediú vela e um caixão
E mortalha costurada

A vinte e quatro
de Agosto a meio dia
Deu na velha uma agonia
E morreu a desgrocada

Quando morreu
Começo a chegar gente
Dizendo essa serpente
Morreu tarde e atrasada

A vizinhança
Se juntou para enterrá-la
Mas na hora de levá-la
A bicha ficou pesada

Botaram ela
Pra levá-la num caixão
O têsto caiu no chão
A velha ficou deitada

Trouxeram um carro
Puxado a quatro bois
Quebrou-se a ponta de dois
Só puxando a condenada

Foram arrastá-la
Pra levar pro cemitério
Apareceu um mistério
Ao redor da danada

Um bode preto
Começou fazendo um jôgo
Um gato dos olhos de fôgo
Miando e dano dentada

Veio um enxame
De abelha de Exú
E chegou um urubu
Com cabeça encarnada

Foi tanto sopo
Que chegou ao redor dela
Com uma baba amarela
Que a velha ficou banhada

Chegou um negro
Da grossura de um graveto
E trazia um livro preto
Com as culpas da malvada

O negro disse
afasta povo não se oponha
Que esta velha sem vergonha
Não pode ser enterroda

Abriu o livro
e as páginas foi passando
em toda folha mostrando
A velha fotografada

O negro disse
este livro é todo dela
vou levar esta cadela
Que há tempo foi comprada

e quando o povo
Viu o negro assim dizendo
Todo mundo foi correndo
Deixaram lá a finada

e nesta hora
Deu um forte pé de vento
Naquele mesmo momento
Foi a velha carregada

e desse dia
Para cá lá no Fundão
A velha chica busão
Vive lá acocorada

e quem passar
No fundão não volta mais
Que a velha corre atrás
Até numa encruzilhada

Se o leitor
Não levar um folhetinho
encontra a velha no caminho
e ela dar-lhe uma dentada

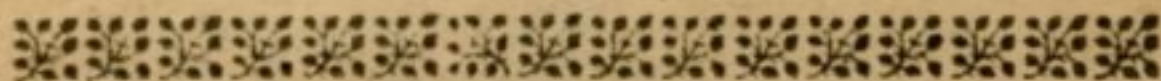
52

J. Borges Avisa'

Que mantém um varia-
do estoque de Folhetos,
canções, benditos,
orações, e Almanagues

Trav. Dr. Jesé Maria
Nº. 10 Bezerros - Pe.

Este Livro foi impresso com a autorização
do Autor F. S. Arêda (Chico Scales)



Procure

Nazaré e Damião,
Cipriano e Jacira,
Domiciano e Rosete